



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

JADE FONTES SOBRAL DE OLIVEIRA

**O *PROFILING* COMO MÉTODO SUPLEMENTAR DE ABORDAGEM
INVESTIGATIVA E SEUS CAMPOS DE ATUAÇÃO**

São Cristóvão

2021

JADE FONTES SOBRAL DE OLIVEIRA

**O *PROFILING* COMO MÉTODO SUPLEMENTAR DE ABORDAGEM
INVESTIGATIVA E SEUS CAMPOS DE ATUAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Coordenação de
Graduação em Direito da Universidade
Federal de Sergipe como parte dos
requisitos necessários para a obtenção
do grau de Bacharela em Direito.

São Cristóvão

2021

JADE FONTES SOBRAL DE OLIVEIRA

O *PROFILING* COMO AUXILIAR NA INVESTIGAÇÃO CRIMINAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
de Sergipe, como parte das
exigências para a obtenção do título
de Bacharel em Direito.

Aracaju, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Edmilson Pimenta

Universidade Federal de Sergipe

Orientador

Professor Doutor Eduardo Lima de Matos

Universidade Federal de Sergipe

Avaliador

Manuel Cardoso Reis Neto

Avaliador

AGRADECIMENTOS

Nesta etapa final da minha graduação, “agradecer” é uma palavra muito singela para expressar tudo que eu gostaria dizer. No entanto, na falta de uma melhor, gostaria de salientar a importância dessas pessoas na minha vida e agradecer-las pelo apoio, pela compreensão e pelos 5 anos mais transformadores que já vivi.

Gostaria de agradecer a minha mãe, Mércia, por ter sido meu pilar de sustentação durante toda minha existência. Ao meu pai, Jorge Miguel (*in memoriam*) por ter me ensinado a nunca desistir e ter acreditado em mim mais do que eu mesma. À minha irmã, Michelle, e ao meu cunhado, Mário, por me apoiarem tanto. Ao meu tio Sérgio, minha avó Quitéria e aos demais membros da minha família por serem tão importantes na minha jornada.

Aos meus amigos, principalmente Manuel, Leonardo, Helena, Alice, Fabiana, Flávia, Synara, João, Elson, Manuela, Sílvia, Mariana e Max por todo o apoio, dicas, ajudas e incentivos. Vocês são anjos na minha vida. Ao meu namorado, Felipe, por todo amor e por cuidar tão bem de mim.

Por fim, mas não menos importante, ao meu orientador, professor Edmilson Pimenta, por ter acreditado em mim e me ajudado nessa etapa tão árdua e de tanto aprendizado.

Serei eternamente grata.

“A maldade é a vingança do homem contra a sociedade pelas restrições que ela impõe. [...] É o resultado do conflito entre nossos instintos e nossa cultura.”

Sigmund Freud

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Formulário de identificação do Criminal Profiling.....	22
Figura 2 – Características do ofensor e dados do incidente.....	23
Figura 3 – Abordagem CLIP.....	25
Figura 4 – Abordagem do FBI.....	26
Figura 5 – Ciclo da Psicologia Investigativa.....	30
Figura 6 – Aspectos do Criminal Profiling.....	32
Figura 7 – Passos para estabelecer o perfil do criminoso.....	38
Figura 8 – O processo do criminal profiling.....	39

LISTA DE ABREVIACÕES

CLIP – *Criminalistic, Legal, Investigation and Psychological approach.*

FBI – *Federal Bureau of Investigation.*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características de criminosos organizados e desorganizados.....	28
Tabela 2 – Características da cena do crime de criminosos organizados e desorganizados.....	29

RESUMO

O presente trabalho apresenta o *profiling* como um método adjacente de investigação, bem como seus meios de atuação, apresentando todos os elementos que sejam relevantes ao tema em estudo. O primeiro capítulo desse trabalho apresenta conceituação de *profiling* para embasar a leitura. O segundo capítulo relata a evolução do *profiling* criminal enquanto técnica de investigação, explicando historicamente o surgimento desse estudo. O terceiro capítulo evidencia a aplicação prática do *profiling* criminal, apresentando suas abordagens mais conceituadas e explicando-as. Na sequência, o quarto capítulo aborda sobre a incorporação do *profiling* à Segurança Pública, uma vez que a profissão ainda não está devidamente formalizada e poderia contribuir para aumentar a eficiência dos órgãos de Segurança Pública. Já o quinto capítulo apresenta o profissional que realiza o perfilamento e destaca os mais variados campos de atuação que esse profissional pode e deve atuar. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa e bibliográfica em livros digitais, artigos, sites, bem como diversos outros locais que puderam fornecer informações confiáveis sobre o tema, com o objetivo de fornecer todo o referencial teórico necessário para o pleno entendimento sobre o tema apresentado. Conclui-se com esse trabalho que a profissão do *profiler* precisa ser legalizada o quanto antes de modo que esses profissionais possam contribuir de maneira mais significativa dentro dos ramos de atuação apresentados ao longo do trabalho.

Palavras- chave: Perfilamento. Perfilamento Criminal. Perfilador. Investigação.

ABSTRACT

This work presents profiling as an adjacent method of investigation, as well as its work, presenting all the elements that are relevant to the study topic. The first chapter of this monography presents the concept of profiling to make a base to the reading. The second chapter shows the evolution of criminal profiling as an investigation technique, historically explaining the advent of this knowledge. The third chapter introduces the practical application of criminal profiling, presenting its most well-known approaches and explaining them. Then, the fourth chapter exhibits the incorporation of profiling into Public Security, Since the occupation isn't properly formalized yet and could contribute to increase the efficiency of Public Security. The fifth chapter presents the profiling professional and highlights the most variated occupations that this professional could and should take place. To this purpose, a qualitative and bibliographic research was carried out in digital books, articles, websites, as well as several other places that could provide reliable information to provide the theoretical referential necessary for a full understanding about the subject. As a conclusion, this work teaches that profiler's occupation needs to be legalized as soon as possible so that these professionals can contribute more significantly to the Society, as it is presented during the paperwork.

Keywords: Profiling. Criminal Profiling. Profiler. Investigation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. <i>PROFILING</i> CRIMINAL: CONCEITUAÇÃO	16
2. A EVOLUÇÃO DO <i>PROFILING</i> ENQUANTO TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO CRIMINAL.....	17
3. A APLICAÇÃO CRIMINAL DO <i>PROFILING</i> E METODOLOGIAS DE ABORDAGEM	22
3.1. Abordagem CLIP.....	25
3.2. Abordagem do FBI.....	27
3.3. Abordagem da Psicologia Investigativa	31
4. INCORPORAÇÃO DO <i>PROFILING</i> À SEGURANÇA PÚBLICA	33
5. PROFILER E OS RAMOS DE ATUAÇÃO.....	40
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

O *profiling*, de um modo geral, é uma técnica de análise e resposta comportamental, inicialmente baseada na análise da pessoa com quem está interagindo e, se possível, registrando os fatos para que seja possível analisar os dados coletados.

Ao tomar conhecimento sobre exatamente com quem estão lidando e suas características, após a análise do que foi coletado durante as etapas iniciais, é possível adaptar a abordagem para que seja possível alcançar essa pessoa ou objetivo que foi estabelecido.

Essa técnica, inicialmente aplicada no recrutamento das empresas para identificar os melhores colaboradores para o perfil desejado, serve para identificar personalidades diferentes para ocupar cargos de acordo com seu perfil comportamental.

Assim, o *profiling* se encaixou perfeitamente para as metas das organizações, uma vez que os comportamentos e atitudes que mais se destacam em cada uma das pessoas que vierem a ser selecionadas irão interferir diretamente no seu desempenho dentro da organização.

Além disso, essas avaliações determinam o temperamento e modo de agir da pessoa analisada, buscando identificar, de maneira assertiva, até que ponto eles podem precisar controlar, moderar ou desenvolver temperamentos naturais durante o convívio na organização.

Torna-se importante nesse ponto que os critérios de avaliação sejam fatores reais e palpáveis no desempenho e elaboração do *profiling*, utilizando a técnica para identificar valores, tipos de personalidade ou certos interesses pessoais no momento de registrar os resultados.

Além de sua vantagem organizacional, o *profiling* possui aplicações em muitos segmentos profissionais, como por exemplo na investigação acadêmica, no contexto investigativo e no Processo Penal. Essa variedade de meios de se aplicar o *profiling*

abre um leque de opções para esses profissionais, podendo atuar nas mais diversas áreas e setores.

Contextualizando nessas últimas aplicações mencionadas, o *Criminal Profiling*, ainda pouco difundido no Brasil, realiza o estudo da personalidade e do comportamento do criminoso, com ênfase na investigação e busca encontrar o perfil criminal dessa pessoa.

Primordialmente, o *Criminal Profiling* abrange a parte comportamental da cena do crime, deduzindo características do delito para identificar o padrão comportamental do infrator.

Para que os *profilers* consigam identificar o perfil criminal, é necessário utilizar os fenômenos da criminologia tanto na análise da vítima quanto na análise do agressor. Dessa forma, mostra-se importante o estudo das ciências criminais e sociais para o Direito Penal quanto para o Processo Penal.

No Perfilamento Criminal, expressão traduzida do *Criminal Profiling*, os perfis criminais são realizados através de um processo que busca oferecer um caminho psicológico nos vestígios encontrados na cena do crime, apresentando as evidências comportamentais coletadas e determinando o ofensor.

Esse método não especifica a verdadeira face do ofensor, mas orienta sobre a característica do indivíduo que possui a maior probabilidade de ter cometido o crime, sendo a análise da cena do crime a maior fonte de prova e de vestígios capaz de fornecer maiores informações para se chegar a essa conclusão.

Por conta disso, a finalidade dessa técnica de investigação é fornecer uma possibilidade de perfis, tanto psicológicos quanto comportamentais, de um suposto criminoso ou criminosos, possibilitando o avanço nas investigações para que seja possível alcançar o objetivo almejado.

Alguns profissionais da área têm questionado o *Criminal Profiling*, alegando que sua maior falha é a falta de profissionalismo e abordagem realizada sem embasamentos científicos suficientes.

Outra acusação levantada contra os *profilers* é que os perfis elaborados podem ser manipulados para se adequar aos atributos do suspeito mais provável e servem apenas para fortalecer o caso da acusação.

Ainda nesse ponto, deve ser mencionado que a tecnologia forense também não está isenta de erros decorrentes de parcialidade, pois o objetivo da investigação passa a ser a coleta unilateral, e às vezes a fabricação, de evidências para apoiar a versão policial do que aconteceu.

Entretanto os defensores do *profiling* defendem a técnica alegando que essa abordagem é exigida pela natureza do trabalho realizado pelos *profilers*, em que cada um deles possui seu próprio estilo.

Destacam ainda que qualquer tentativa de criar e seguir um procedimento prescrito com base em fatos científicos irá apenas atrapalhar, em vez de ajudar, o processo criativo exigido nesta linha de trabalho.

Desse modo, o primeiro capítulo apresenta uma mais profunda conceituação do perfilamento criminal, complementar à supracitada. Já o segundo capítulo tenta elucidar essa discussão e trata sobre a aplicação prática do *Criminal Profiling* no Direito Penal, discorrendo sobre a forma que o processo deve ser realizado para atingir seu objetivo na investigação e apresenta as diversas metodologias que mais são utilizadas no mundo.

Apesar disso, o cenário atual da regulação do *profiling* criminal ainda não conseguiu criar alguma lei ou regulamento para a profissão e, também, não foram criadas organizações reguladoras e/ou profissionalizantes para a capacitação de profissionais que desejam atuar como *profilers*, não estando completamente inserida na Segurança Pública no Brasil.

Posto isso, o segundo capítulo aborda sobre como essa inserção poderia ocorrer e os benefícios para que o *profiling* tem a oferecer se utilizado nos órgãos de Segurança Pública.

Por fim, o último capítulo busca dar uma visão ampla sobre a atuação de um Profiler em uma ótica alternativa e apresenta diversos outros ramos de atuação para esse profissional, através de um mesmo estilo de serviço.

Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa e bibliográfica em livros digitais, artigos, sites, dentre outros locais que possam fornecer informações confiáveis sobre o tema, com o objetivo de fornecer todo o referencial teórico necessário para o pleno entendimento sobre o tema apresentado.

1. **PROFILING CRIMINAL: CONCEITUAÇÃO**

De acordo com as concepções levantadas por Mendes (2014) o *profiling*, refere-se a concepções pertinentes a Psicologia investigativa, isto é a Psicologia ligada a investigações criminais, surgindo, no contexto criminal, contudo, com o fito de auxiliar forças policiais no que diz respeito ao crime, e principalmente na identificação de suspeitos desconhecidos. Ademais, o *profiling* criminal é definido literalmente como uma técnica forense, donde as características prováveis de um sujeito criminoso, podem ser previstas mediante análise comportamental, e o comportamento exibido pelos sujeitos investigados.

Para Leite (2019) essas técnicas e ferramentas pertencentes ao *Criminal Profiling*, são correlacionadas com as ciências, especificamente o a ciência do Direito Penal, criminologia, psicologia jurídica, dentre outras vertentes. Com isso o *profiler* também lida com partes comportamentais no que concerne a análise e investigação da cena criminal, ajudando outros especialistas e cientistas a identificar as pistas, podendo ser reduzida características do delito, além de ações na execução de atos ilícitos, resultando em significativos auxílios para reconhecimento padrão e comportamental pertinente a ação ilícita que envolve a cena do crime.

Ademais, nesse mesmo artigo de Leite (2019) podemos perceber técnicas de perfis criminais também envolvendo as concepções pertinentes ao *profiler* criminal, discrepando de outras concepções mais generalizadas, mas também comumente interpretadas. Nesse caso, o *profiler* surge no país em cerca dos anos de 1960, já prolongando para o fim do século XX. Outrossim, o *profiling* criminal, encontra-se associado e intrinsecamente vinculado, as áreas da psicologia investigativa e da criminologia, auxiliando-as, mas apresentando concepções um pouco pormenorizadas, dado que o *profiling* criminal paira mais sobre identificar o criminoso,

analisar o que levou o criminoso a cometer tal atitude ilícita, além de relances sobre vitimologia, ou seja, como a vítima foi escolhida, dentre outras análises.

2. A EVOLUÇÃO DO *PROFILING* ENQUANTO TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO CRIMINAL

Com a notória expansão do conhecimento acerca do *profiling*, muito por conta das séries policiais exibidas na televisão nas últimas décadas, há relatos do procedimento de *profiling* desde os tempos bíblicos, demonstrando que o ato de investigar já existe desde muito antes da criação da terminologia. (CANTER, 2009)

Mendes (2014) expõe que uma das primeiras menções aos primórdios do *profiling* foi realizada por Homero em sua obra “A Ilíada”, em que detalhava um homem feio e malformado e o indicava como uma pessoa com disposição criminal apenas por esse critério.

Platão também cita em suas obras que possuir uma face feia era um indicativo de que essa pessoa possuía imperfeições ontológicas e uma possível debilidade racional, com base apenas na análise de perfil realizada. (KOC SIS, 2006)

Consta também no Velho Testamento que líderes judaicos fizeram a seleção de seus soldados com base em uma determinada característica, a partir da observação da maneira de agir dessas pessoas, sendo possível utilizar essa observação como embasamento para as suas decisões. (CANTER, 2009)

Porém, a primeira obra a citar de maneira direta o *profiling* foi “O Martelo das Bruxas”, que foi publicada no ano de 1486 por Henry Kramer e James Sprenger, com o objetivo de encontrar, analisar e julgar as mulheres que eram consideradas bruxas na época. (MENDES, 2014)

Apesar dessa abordagem estar vinculada às especulações realizadas pelos autores e na doutrina religiosa do período, foi uma das metodologias para encontrar e realizar possíveis indicações sobre indivíduos que poderiam ser culpados. (MENDES, 2014)

Entretanto, a primeira abordagem explícita do *profiling* apareceu quando os profissionais que atuam na área da saúde mental foram consultados para auxiliar em investigações de crimes aparentemente sem solução. (CANTER, 2009)

Esses profissionais, inicialmente, realizavam a análise de um delito apenas após o suspeito estar preso, com o objetivo de avaliar a sanidade mental dessa pessoa no instante em que praticou o crime.

Porém, Mendes (2014) explica em seu trabalho que essa metodologia sofreu diversas mudanças quando esses profissionais começaram a ser convocados nos casos que ainda não existia um suspeito preso, buscando identificar um suspeito desconhecido.

Com o passar dos anos, existiram casos que demandaram a análise de um perfil para tentar identificar um possível suspeito. Em 1888, um criminoso, conhecido como “Jack, the ripper” (traduzido como Jack, o estripador), aterrorizou Londres por seus homicídios muito violentos, nos quais 5 prostitutas foram atacadas e mortas em vias públicas, tendo seus corpos mutilados, retirando os órgãos internos da vítima e os levando do local do crime. (MENDES, 2014)

Nesse período, o Dr. George Phillips, cirurgião da polícia – equivalente a um patologista forense, desenvolveu uma metodologia mais direta para determinar algumas características criminais, recriando cenas de crime e tentando conseguir um conhecimento sobre a condição psicológica do suspeito através da dedução da personalidade realizada pela análise do seu comportamento com a vítima. (TURVEY, 2012)

Para tentar solucionar esse caso, o Dr. Phillips contou com a colaboração do Dr. Thomas Bond, que realizou a autópsia das vítimas e especulou sobre as características físicas e psicológicas do criminoso partindo das características do crime e em eventuais comportamentos durante a prática deste. (KOCSIS, 2006)

Destaca-se que o relatório elaborado por Bond deu início a uma grande variedade de suposições sobre as possíveis características do criminoso, como idade, gênero, comportamento, maneira de se vestir, psicopatologias, entre outros elementos. (KOCSIS, 2006)

Mendes (2014) explica que o dr. Thomas Bond chegou a algumas conclusões, como, por exemplo: todos os homicídios tinham sido cometidos pela mesma pessoa; o indivíduo seria um homem de grande força física, de enorme frieza e ousadia, aparentemente calmo e inofensivo; provavelmente de meia idade e bem-vestido; deveria ter o hábito de usar casaco ou sobretudo; poderia ser uma pessoa solitária e excêntrica, provavelmente sem ocupação regular.

Mesmo que não tenha sido possível solucionar o caso acima mencionado, o conceito fundamental do *profiling* e seus princípios passaram a auxiliar a polícia durante as investigações criminais, sendo esse o primeiro caso conhecido em que foram aplicados.

Outro exemplo histórico da aplicação do *profiling* ocorreu na Segunda Guerra Mundial, mais precisamente em 1942, período que foi solicitada a elaboração de um relatório com a avaliação psicológica de Adolf Hitler ao psicanalista Walter C. Langer.

Segundo Kocsis (2006), o perfil elaborado por Langer não seguiu os padrões estabelecidos atualmente como principais na investigação criminal, mas buscou avaliar o padrão de comportamento e prever seus próximos passos.

O psicanalista avaliou discursos, seu livro, entrevistas com pessoas relacionadas a Hitler, bem como diversos outros materiais sobre ele. Concluiu, então, que Hitler era “metódico, convencional e melindroso no que tangia à sua aparência e corpo” (MENDES, 2014 apud COUTO, 2009).

Mendes (2014) ainda ressalta que o psicanalista avaliou que o então governante da Alemanha estaria em boa condição física, o que significa que era pequena sua probabilidade de morte natural. No entanto, mentalmente sua condição era deterioração contínua, pois seu Complexo de Édipo resultava em uma enorme necessidade de provar sua masculinidade à mãe.

Além disso, a análise do Dr. Langer ainda previa as possíveis reações de Hitler se confrontado com a derrota. Sabiamente, analisou que ele provavelmente cometeria suicídio, para, dessa forma, evitar sua captura e consequente humilhação pelo julgamento de seus atos. (KOCSIS, 2006)

Já no período contemporâneo, em 1950, o Dr. James Brussel, um psiquiatra norte-americano foi um dos maiores destaques por ter inserido o *profiling* como método de investigação, inferindo as características de um criminoso desconhecido comparando o comportamento através de um método único de aplicação dos princípios psiquiátricos no sentido inverso, comparando as características percebidas a partir do comportamento criminoso com as experiências com pacientes com distúrbios parecidos. (MENDES, 2014)

Ainda segundo Mendes (2014), o psiquiatra foi consultado acerca de diversos casos notórios. Um deles sendo o do “*Mad Bomber*”, criminoso que aterrorizou Nova York ao plantar diversas bombas espalhadas em pontos estratégicos da cidade. Os bombardeamentos perduraram impunes por 16 anos, quando o Dr. Brussel foi consultado para fornecer um perfil criminal do infrator.

Analizando fotografias e diversas cartas enviadas pelo infrator durante os anos, o psiquiatra forneceu um relatório baseado em que elencou que o suspeito seria um homem entre 40 e 50 anos, católico romano, estrangeiro, solteiro, ex-funcionário da *Consolidated Edison*, convivia com um irmão ou irmã, sofrendo, possivelmente, de paranoia progressiva. Além disso, descreveu as vestes que poderia estar usando quando a polícia o encontrasse e orientou que divulgassem o perfil para forçar o criminoso a se manifestar. Ainda, instruiu-os a pesquisar acerca de funcionários descontentes da empresa em questão. (MENDES, 2014)

Como foi previsto, segundo Mendes (2014), o suspeito enviou uma carta à polícia revelando que foi ferido no trabalho e que a empresa o estava enganando acerca do pagamento de seu trabalho, o que revelou sua identidade. Quanto foi capturado, George Metesky, de 54 anos, totalmente condizente com o perfil traçado pelo psiquiatra, tornou-se um dos casos de perfilamento mais famosos e precisos já feitos.

Outro caso famoso em que o Dr. Brussel atuou foi o do “*estrangulador de Boston*”, que assassinou treze mulheres, abusando-as sexualmente e as estrangulando, no período compreendido entre 1962 e 1964. Todos os esforços policiais para apreendê-lo foram mal-sucedidos, o que resultou na formação de um

Comitê Médico-Psiquiátrico, formado por um psiquiatra, um ginecologista, um antropólogo e outros profissionais. (MENDES, 2014)

Conforme Mendes (2014), uma vez que o Comitê discordou acerca da possibilidade de os crimes terem sido cometidos por pessoas diferentes, tendo em vista que os grupos de vítimas diferiam, sendo o primeiro de mulheres mais velhas e o segundo de mulheres mais jovens, o Dr. Brussel foi convocado e, ao fornecer o perfil criminal, afirmou que os crimes teriam sido cometidos por apenas uma pessoa.

Os assassinatos cessaram misteriosamente. Em 1964, Albert DeSalvo foi preso por outros crimes sexuais e acabou confessando ao seu psiquiatra que também seria o “Estrangulador de Boston”. O perfil encaixava-se perfeitamente com o fornecido pelo Dr. Brussel. No entanto, antes de ser julgado por esses crimes, DeSalvo foi assassinado por um colega de cela, o que resultou na não validação do perfil fornecido. Portanto, a tática de associar a psiquiatria à investigação criminal provou-se extremamente eficaz. (MENDES, 2014)

Já em 1960, Mendes (2014) também destaca Howard Teten em seu artigo, discorrendo sobre como ele desenvolveu uma nova abordagem ao *profiling* criminal, em conjunto com o Dr. Brussel e Patrick Mullany, sistematizando e padronizando as técnicas. Em 1970, Teten passou a ensinar técnicas de identificação de criminosos para que fossem usadas conjuntamente a outras ferramentas de investigação, criando assim o primeiro curso de *profiling*, chamado de criminologia aplicada, na Academia Nacional do FBI.

Além de Teten, John Douglas e Robert Ressler também tiveram destaque no FBI por traçar perfis criminais através do método que é utilizado até hoje pela organização, desenvolvendo uma base de dados após entrevistar diversos assassinos em série conhecidos, que contribuiu para o desenvolvimento de técnicas de perfilação. (COUTO, 2009)

John Douglas, em conjunto com Mark Olshaker inclusive, escreveu o livro “*Mindhunter*”, *best seller* conhecido no mundo inteiro e que popularizou o conhecimento do *profiling* criminal. Mais tarde, o livro embasou a série televisiva de mesmo nome, disseminando ainda mais o conhecimento popular sobre o assunto.

3. A APLICAÇÃO CRIMINAL DO *PROFILING* E METODOLOGIAS DE ABORDAGEM

A aplicação do *profiling* a casos práticos deve ser realizada por profissionais capazes de traçar o perfil criminal do indivíduo e determinar as ações que configuram crimes.

Entre exemplos de profissionais aptos a realizar o *profiling* volta ao Direito Penal estão o psicólogo investigativo, o criminólogo, o psicanalista e o psiquiatra forense. (LEITE, 2019)

Leite (2019) ainda destaca que, para essa análise, é necessário desenvolver a compreensão de que o delito e o modo de agir do criminoso só podem ser interpretados através de uma esfera multidimensional, uma vez que a natureza humana é complexa.

Dessa maneira, o local dos fatos criminosos só pode ser analisado criminalmente através do *profiling* por meio de um profissional especializado no comportamento humano em complemento ao trabalho de investigação policial, criando uma esfera multidisciplinar de análise do local. (MENDES, 2014)

Sobre o perfilamento criminal, especialistas apontam que os perfis criminais se baseiam num processo de verificação criminal que relaciona as competências do investigador criminal e do especialista em comportamento humano, através de técnicas forenses. (RODRIGUES, 2010)

Bertoldo (2019) destaca que esse perfilamento criminal busca dar um roteiro psicológico para os vestígios deixados na cena do crime. Com as evidências comportamentais coletadas, é possível determinar se o ofensor é organizado ou não.

Entretanto, é necessário destacar que apenas os profissionais atuantes na investigação terão conhecimento das técnicas que podem ser empregadas, já que os assassinos acabam deixando suas assinaturas no local do crime. (GUIMARÃES, 2019)

Esse fato ocorre, pois, apesar de atuarem com muita cautela, vestígios podem ser deixados no local do crime e podem ser avaliados com a ajuda de ferramentas técnico-científicas adequadas. (MADER, 2016)

Destaca-se que essa técnica não fornece a identidade do ofensor, mas direciona para as características do indivíduo que pode ter cometido o crime, focando majoritariamente na análise da cena do crime para que seja possível definir o perfil psicológico e comportamental do possível criminoso. (BERTOLDO, 2019)

A figura 1 abaixo apresenta um modelo de formulário de *Criminal Profiling* que pode ser utilizado para a perícia inicial a partir de provas coletadas no local do crime, inclusive com depoimentos de testemunhas:

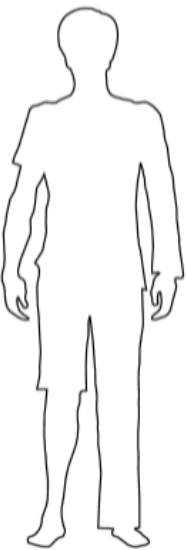
SEX: Male <input type="checkbox"/> Female <input type="checkbox"/>	RACE: White <input type="checkbox"/> Black <input type="checkbox"/> Other <input type="checkbox"/>	AGE
HEIGHT		LEFT/RIGHT HANDED
WEIGHT		HAT (COLOR/TYPE)
HAIR		TIE
EYES		COAT
GLASSES TYPE		SHIRT
TATTOOS		TROUSERS
SCARS/MARKS		SHOES
COMPLEXION		WEAPON

Figura 1 – Formulário de identificação do *Criminal Profiling*.¹

Silva e Silva (2019) explicam que, partindo dessa premissa, esse método não deve ser deixado em segundo plano, mesmo após ter ciência de que não existem vestígios físicos deixados no local do crime.

¹ Identificação da vítima: sexo, raça, idade, altura, peso, cores dos olhos e dos cabelos, se tem óculos ou tatuagem, bem como marcas ou cicatrizes, aspecto da vítima, se é canhoto ou destro, roupas que estava usando e arma do crime.

Portanto, o *Criminal Profiling* deve ser conduzido de maneira conjunta à realização do processo investigatório, levando em consideração que locais de crime podem ser modificados e pistas relevantes ao caso podem ser perdidas por conta do tempo transcorrido ou pelos fatores climáticos.

Desse modo, o *Criminal Profiling* realiza o estudo do crime de uma maneira mais abrangente, verificando o comportamento do criminoso e as características deste e do local do crime, com base nos relatórios policiais iniciais e nas perícias forenses. (JÚNIOR, 2012)

Com essas técnicas, além das medidas corporais, é possível também a identificação de características únicas desse indivíduo bem como os objetos utilizados durante a execução do crime, como o veículo com base nas marcas deixadas no local do crime.

A figura 2 apresenta outro formulário que pode ser aplicado durante a realização do *Criminal Profiling* para auxiliar na identificação do criminoso e nas ações que ocorreram durante o ato delituoso:

Facial Appearance			
Only those specific facial details you definitely remember.			
<input type="checkbox"/> Suspicious Person <input type="checkbox"/> Robbery Suspect What did suspect do or say? Details of incident			
VEHICLE	Color	Make	Model
Body Style		Damage/Rust	License Number
Direction of Travel		Date of Report	Phone
Witnesses			

Figura 2 – Características do ofensor e dados do incidente.²

² Identificação do ofensor: aparência facial, como cor do cabelo, tipo de sobrelanceira, tamanho e formato do olho, formato do nariz, formato da boca e lábios, formato do queixo, textura do cabelo, se possui

Portanto, os profissionais podem realizar a sugestão de uma procura sobre um determinado perfil definido sobre a pessoa que possa ter cometido o crime, esclarecendo as ações realizadas com base no que foi possível identificar através da aplicação do *Criminal Profiling*. (MACHADO; FRANCK, 2019)

Na prática, Leite (2019) apresenta o *Criminal Profiling* uma perícia pluridisciplinar, que propicia um parecer para ser apresentado ao Estado-Juiz acerca dos crimes cometidos no âmbito social, de modo a dar suporte para que sejam iniciadas as investigações criminais, e, como consequência, identificar o suposto autor do ilícito penal.

Machado e Franck (2019) apresentam que o *profiler* investiga se alguma assinatura psicológica foi deixada pelo infrator na vítima em estado de óbito. Já em vítimas sobreviventes, são analisadas as informações da descrição do ofensor prestadas aos profissionais.

Destaca-se a importância da aplicação prática do *Criminal Profiling* para evitar que sentenças equivocadas sejam proferidas, devendo a investigação ser executada com critério e que sejam recolhidas todas as evidências de autoria e materialidade criminosa. (MACHADO; FRANCK, 2019)

Devido a isso, algumas metodologias práticas de *Criminal Profiling* são aplicadas e serão abordadas nesse trabalho através de revisão bibliográfica para que possam ser compreendidas.

3.1. Abordagem CLIP

Oriunda de Cingapura, a metodologia CLIP é empregada na análise de crimes e comportamento criminoso através de uma abordagem focada e ampla, com múltiplas perspectivas para a definição de perfis criminais.

sardas, estilo do cabelo, estilo das bochechas (se são cheias ou não), tamanho e formato da orelha, se tinha bigode ou barba, característica do pescoço e do pombo de Adão. Além disso, deve-se elencar outras características que o ofensor tem e se se trata de um roubo ou suspeito de outro tipo de crime. Por fim, nesta parte, deve-se elencar o que o ofensor disse ou fez. Identificação do veículo (se aplicável): cor, marca, modelo, estilo, dano sofrido, número da licença, direção da viagem, data do relato, telefone e testemunhas.

Para obter uma compreensão mais clara dessa metodologia de criação de perfis criminais, a figura 1 apresenta o CLIP em quatro etapas majoritárias a serem seguidas sequencialmente:



Figura 3 – Abordagem CLIP (TEO; CHAN; LIANG; PHUA, 2021).³

Partindo da perspectiva Criminalística, inicialmente ocorre a reconstrução da cena primária do crime, realizando a coleta de evidências de exames físicos das vítimas e da cena do crime principal, bem como a realização de entrevistas com testemunhas. (TEO; CHAN; LIANG; PHUA, 2019)

Sob a perspectiva Legal, é realizado um estudo de caso que analisa o contexto das leis locais e as punições que podem ser aplicadas em conformidade, levando em consideração como as leis locais se alteram mais frequentemente em relação às leis internacionais. (TEO; CHAN; LIANG; PHUA, 2019)

Já em relação à etapa Investigativa, os *profilers* estudam os dados demográficos, examinam os antecedentes criminais dos criminosos e revisam os problemas comportamentais anteriores ou existentes em áreas da vida dos criminosos. (TEO; CHAN; LIANG; PHUA, 2019)

³ Perspectiva Criminalística: reconstrução da cena do crime; condução das entrevistas com as testemunhas; revisão das gravações de câmeras, etc.

Perspectiva Legal: estudo de caso é analisado segundo as normas locais.

Perspectiva Investigativa: *profilers* estudam a demografia do criminoso, seu passado criminal e a existência de problemas comportamentais.

Perspectiva Psicológica: exame psicológico das características comportamentais do ofensor.

Além disso, para reforçar a qualidade das informações obtidas nas entrevistas, os *profilers* destacam a necessidade de criar um ambiente confortável e de baixo estresse para facilitar a cooperação e permitir o melhor informações relevantes e precisas a serem obtidas. (TEO; CHAN; LIANG; PHUA, 2019)

Por fim, a perspectiva Psicológica decifra as motivações por trás das ações dos criminosos através de exames psicológicos dos traços comportamentais dos agressores e obter uma compreensão mais profunda da psicologia da vítima. (TEO; CHAN; LIANG; PHUA, 2019)

Assim, a abordagem CLIP é vantajosa por ser multidisciplinar e, portanto, permite uma análise mais abrangente de crimes por meio da combinação de conhecimentos de uma diversidade de campos, incluindo ciência forense, direito e psicologia. Além disso, a metodologia CLIP apresenta-se particularmente útil para o exame de um crime em um contexto local.

3.2. Abordagem do FBI

A metodologia do FBI utiliza um processo complexo e abrangente de seis etapas, conforme apresentado na figura 2, para realizar a construção do perfil do criminoso, auxiliando de forma eficiente e eficaz nas investigações do órgão relacionadas a casos de criminosos com perfis psicóticos:

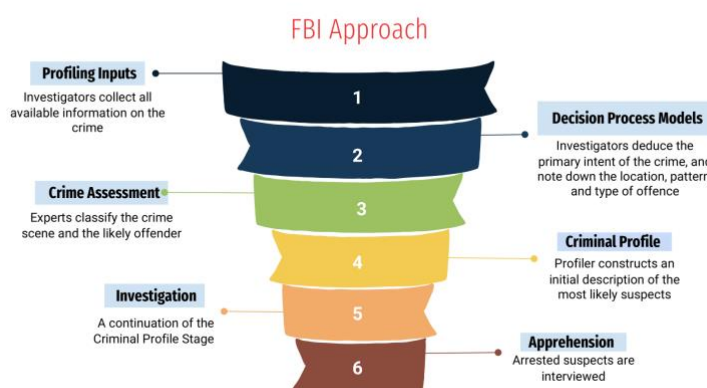


Figura 4 – Abordagem do FBI.⁴

⁴ Passo 1 – Iniciação do procedimento do *profiling*: investigadores coletam todas as informações disponíveis sobre o crime;

Entretanto a atuação do *profiler* criminal fica restrita apenas até a quarta fase, cabendo a outros profissionais do FBI a realização da investigação e das prisões, que seriam etapas que devem ser realizadas diretamente no campo. (FBI, 2021)

Durante a primeira fase, traduzida como Entradas de Perfil, os investigadores coletam todas as informações disponíveis sobre o crime, incluindo evidências forenses, o histórico da vítima e a natureza da cena do crime. (FBI, 2021)

No segundo estágio, chamado Modelos de Processo de Decisão, os investigadores então tentam deduzir a intenção primária do crime e, posteriormente, anotar o local, padrão e tipo do crime. (FBI, 2021)

Na terceira etapa da determinação do perfil, que é a avaliação do Crime, sem dúvida a etapa mais crucial da análise, os especialistas classificam a cena do crime e o provável infrator. (FBI, 2021)

De acordo com os investigadores da polícia, as cenas de crime são organizadas, limpas e arrumadas com poucos ou nenhum vestígio de evidências, ou desorganizadas, bagunçadas, que geralmente contêm evidências deixadas pelo criminoso. (FBI, 2021)

Uma vez que os investigadores tenham discernido a natureza da cena do crime, eles então categorizaram os suspeitos em “organizado” ou “desorganizado”, em uma tentativa de prever as características demográficas e comportamentais do criminoso. Por exemplo, com base em seu *modus operandi*, prevê-se que um criminoso rotulado como “organizado” leve uma vida ordenada e estruturada. (FBI, 2021)

Em geral, ele ou ela também é considerado socialmente competente, de inteligência acima da média e é provável que tenha um emprego estável, desviando a atenção dos investigadores para outras possíveis ameaças.

Passo 2 – Modelos de Processo de Decisão: investigadores deduzem a intenção primária do crime e anotam a localização, forma e tipo de ofensa;
Passo 3 – Classificação do Crime: especialistas classificam a cena do crime e o provável ofensor;
Passo 4 – Perfilamento Criminal: o *profiler* realiza a descrição inicial dos suspeitos mais prováveis;
Passo 5 – Investigação: continuação do estágio do Perfilamento Criminal;
Passo 6 – Apreensão: os suspeitos presos são entrevistados.

Por outro lado, um ofensor “desorganizado” é visto como desordenado, disfuncional e geralmente menos socialmente competente e inteligente do que um ofensor “organizado”.

Isso é ainda mais evidente pela natureza de suas cenas de crime, uma vez que um criminoso “desorganizado” tem maior probabilidade de abandonar evidências incriminatórias, como impressões digitais, sêmen, sangue ou mesmo a arma do crime, ao contrário de um criminoso “organizado”. (FBI, 2021)

Por fim, na quarta etapa - “Perfil do criminoso”, o criador de perfil constrói uma descrição inicial dos suspeitos mais prováveis, que será posteriormente enfocada na fase de “Investigação”.

Nessa fase final, os suspeitos presos são entrevistados e o perfil do criminoso é avaliado para determinar o quanto corresponde ao suspeito acusado, com o objetivo de aperfeiçoar a aplicação em uma próxima oportunidade. (FBI, 2021)

Essas características entre ofensor organizado e desorganizado, na análise do FBI, podem ser classificadas em tabelas, o que direciona o trabalho realizado por esse modelo de *Criminal Profiling*, como apresenta a tabela 1:

<i>Organized</i>	<i>Disorganized</i>
Average to above-average intelligence	Below-average intelligence
Socially competent	Socially inadequate
Skilled work preferred	Unskilled work
High birth-order status	Low birth-order status
Father's work stable	Father's work unstable
Sexually competent	Sexually incompetent
Inconsistent childhood discipline	Harsh discipline as a child
Controlled mood during crime	Anxious mood during crime
Use of alcohol with crime	Minimal use of alcohol
Precipitating situational stress	Minimal situational stress
Living with partner	Living alone
Mobility (car in good condition)	Lives/works near crime scene
Follows crime in news media	Minimal interest in news media
May change job or leave town	Significant behavior change

Tabela 1 – Características de criminosos organizados e desorganizados.⁵

⁵ Organizados: inteligência média ou acima; habilidosos socialmente; preferem trabalhos de habilidade; alto *status* de nascimento; trabalho paterno estável; competente sexualmente; disciplina infantil

Essa diferenciação realizada entre organizado e desorganizado também pode ser aplicada à cena do crime, pois sempre podem ser encontrados vestígios de maneiras diferentes em cada caso.

Destaca-se nesse ponto que esses criminosos apresentam singularidades que os qualificam no momento da realização do *Criminal Profiling*, seguindo a metodologia desenvolvida pelo FBI.

A tabela 2 demonstra como o FBI realiza essa diferenciação entre criminosos organizados e desorganizados através das características coletadas através de evidências na cena do crime:

<i>Organized</i>	<i>Disorganized</i>
Planned offense	Spontaneous offense
Victim a targeted stranger	Victim/location known
Personalizes victim	Depersonalizes victim
Controlled conversation	Minimal conversation
Crime scene reflects control	Crime scene random and sloppy
Demands submissive victim	Sudden violence to victim
Restraints used	Minimal use of restraints
Aggressive acts prior to death	Sexual acts after death
Body hidden	Body left in view
Weapon/evidence absent	Weapon/evidence often present
Transports victim or body	Body left at death scene

Tabela 2 – Características da cena do crime de criminosos organizados e desorganizados.⁶

inconsistente; temperamento controlado durante o crime; uso de álcool juntamente com o crime; estresse situacional precipitado; mora com parceiro (a); mobilidade (carro em boa condição); acompanha o crime na mídia; pode trocar de trabalho ou de cidade.

Desorganizados: inteligência abaixo da média; inadequado socialmente; trabalho sem habilidade; baixo *status* de nascimento; trabalho paterno instável; incompetente sexualmente; disciplina infantil severa; temperamento ansioso durante o crime; mínimo uso de álcool; estresse situacional mínimo; mora sozinho; mora/trabalha perto da cena do crime; mínimo interesse em noticiário; mudança de comportamento significativa.

⁶ Organizados: ofensa planejada; a vítima é um estranho específico; personaliza a vítima; conversação controlada; cena do crime reflete controle; exige uma vítima submissa; contenções utilizadas; atos agressivos priorizados à morte; esconde o corpo; arma/evidência ausente; transporta vítima ou corpo. Desorganizados: ofensa espontânea; vítima/localização conhecidas; despersonaliza a vítima; mínima conversação; cena do crime aleatória e descuidada; violência súbita com a vítima; mínimo uso de contenção; atos sexuais depois da morte; corpo deixado à mostra; arma/evidência geralmente presentes; corpo deixado na cena do crime.

Portanto, a metodologia aplicada pelo FBI é uma das referências mais utilizadas pois fornece uma grande quantidade de subsídios para embasar sua aplicação. Outro modelo bastante aplicado é a abordagem através da Psicologia Investigativa, sendo o próximo tópico a ser fundamentado.

3.3. Abordagem da Psicologia Investigativa

Outra metodologia adotada no perfil criminal seria a abordagem da psicologia investigativa, idealizada por um professor britânico, David Canter, que enfatizou a necessidade de psicólogos coletarem dados e examinarem as relações entre muitas variáveis dentro de uma cena de crime, para que a detecção do crime seja eficaz e os procedimentos legais sejam apropriados. (BERTOLDO, 2019)

Para melhor ilustrar seu teorema, o professor Canter também construiu um ciclo investigativo dando origem ao campo da psicologia investigativa, que é apresentado através da figura 3:



Figura 5 – Ciclo da Psicologia Investigativa.⁷

A partir de “Informações Investigativas”, Canter propõe que, nesta fase, sejam identificados possíveis suspeitos e possíveis linhas de investigação, de modo que o foco da busca possa ser progressivamente reduzido. (BERTOLDO, 2019)

⁷ Passo 1 – informação: possíveis suspeitos e possíveis linhas de investigação devem ser identificadas; Passo 2 – Inferências: psicólogos delineiam conclusões dos relatos disponíveis do crime; Passo 3 – Ação: especialistas prendem e sentenciam os suspeitos.

Ele também afirma que a compilação e avaliação das provas devem ser concluídas nesta fase, de modo que os especialistas possam tomar decisões para se aproximar da prisão e condenação do autor do crime. (BERTOLDO, 2019)

Passando para o estágio de “Inferências Apropriadas”, os psicólogos devem ser capazes de tirar conclusões apropriadas dos relatos disponíveis sobre o crime e prever modelos de como os vários infratores se comportam. Com esta linha de pensamento, os peritos criminais podem então avançar para a prisão e condenação de suspeitos na fase de “Ação” ou “Apreensão”. (BERTOLDO, 2019)

Gaudêncio (2015) explica que o desenvolvimento da abordagem da psicologia investigativa ocorreu depois que Canter desempenhou um papel significativo e crucial na descoberta dos autores de uma série de estupros e assassinatos em série no Reino Unido.

Embora a abordagem da psicologia investigativa seja cientificamente fundamentada e teoricamente sólida, os investigadores da polícia comentaram que, na realidade, é difícil aplicar sua metodologia, pois os policiais da linha de frente a consideram complexa e difícil de seguir. (JÚNIOR, 2012)

Rodrigues (2011) explica que isso leva a uma maior confusão e uma desaceleração geral da produtividade. Além disso, alguns também apontaram como os investigadores da polícia querem perfis criminais que possam ajudá-los a resolver o caso o mais rapidamente possível, em vez de uma estrutura que os obriga a considerar abertamente as teorias sobre as motivações do agressor e as avaliações psicológicas dos perpetradores.

Comparando essa abordagem com a metodologia CLIP, essa última parece ser mais direta em sua implementação, enquanto mantém um alto grau de precisão e confiabilidade, pois envolve o desenho de várias áreas de pesquisa.

Portanto, apresentada os métodos de abordagem e a importância de sua aplicação prática no *criminal profiling* para a investigação criminal, mostra-se imprescindível seu estudo e aplicação na Segurança Pública, uma vez que ainda não existe um estatuto de profissão e tampouco um curso profissionalizante para essa categoria.

4. INCORPORAÇÃO DO *PROFILING* À SEGURANÇA PÚBLICA

Atualmente, o crescimento das investigações policiais noticia a respeito de crimes praticados por pessoas portadoras de psicopatologias. São os mais variados tipos de violência, desde o estelionato até o homicídio. (BERTOLDO, 2019)

Rodrigues (2011) informa que os motivos e os métodos aplicados por esse tipo de criminoso que possui algum distúrbio psíquico fogem ao perfil de crime usualmente enfrentado pelos investigadores policiais no seu cotidiano.

Logo, percebe-se que é necessário capacitar profissionais da segurança pública com conhecimentos que permitam traçar um perfil do comportamento desse tipo de criminoso, com a finalidade de conseguir realizar sua prisão com a maior celeridade possível.

O *criminal profiling* é um tipo de análise comportamental, que pode auxiliar nas investigações de um crime e até mesmo durante um julgamento. Para isso, a figura 3 apresenta os aspectos analisados na técnica:

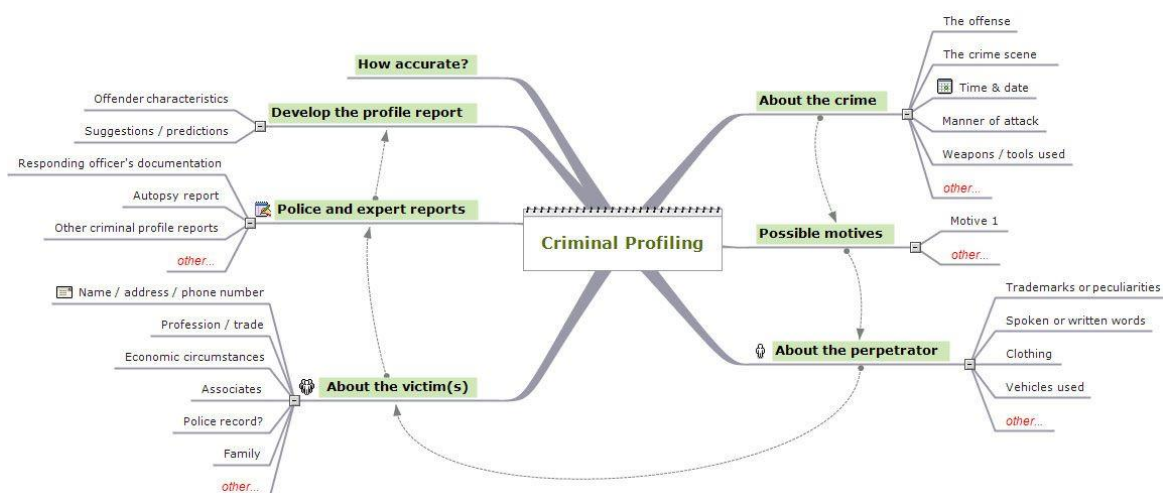


Figura 6 – Aspectos do *Criminal Profiling*.⁸

⁸ Sobre o crime: a ofensa; a cena do crime; hora e data; maneira de ataque; armas/ equipamentos utilizados; outros aspectos. Possíveis motivos: motivo 1 e outros. Sobre o criminoso: marca registrada ou peculiaridades; palavras faladas ou escritas; roupas; veículos utilizados; outros. Sobre a vítima: nome, endereço e número de telefone; profissão ou marca; circunstâncias econômicas; associações; registro policial?; família; outros. Registros policiais ou de especialistas: resposta à documentação do oficial; registro de autópsia; outros registros de *profiling* criminal. Desenvolvimento do registro de perfilamento: características do ofensor; sugestões/ previsões. O quanto é preciso?

Na segurança pública, o *profiling* também contribui na prevenção de crimes, nas entrevistas e interrogatórios, em estabelecer um perfil vitimológico e pode redirecionar toda uma investigação. (MAIA, 2010)

Embora o *criminal profiling* seja um método considerado novo no mercado, Mendes (2014) apresenta que existem diversas variações para sua aplicação, que podem ou não serem utilizadas de maneira conjunta.

Uma das variações é o método nomotético, método mais popular entre os investigadores de polícia que não possuem formação em psicologia ou criminologia, sendo financeiramente mais viáveis em relação aos outros métodos. (GUIMARÃES, 2017)

Já os métodos ideográficos são mais caros, segundo Guimarães (2017), uma vez que não produzem resultados imediatos e centraliza seu foco em apenas um caso, buscando não exceder as informações sem a confirmação através de provas concretas.

Para isso, o Investigador de Polícia, por exemplo, deve tentar identificar qual a motivação de determinado comportamento criminoso, a assinatura deixada por esse criminoso e, se possível, seu *modus operandi*. (LEITE, 2019)

Desse modo, percebe-se que os quadros da segurança pública devem possuir profissionais capacitados para executarem esse tipo de investigação que, na prática, é o *criminal profiling*.

Bandeira e Portugal (2017) afirmam que a qualificação desses profissionais da segurança pública deve se propor a buscar o perfil de um criminoso, entretanto sem se basear em sinais étnicos, pois esses dificilmente passariam numa avaliação que tivesse como base qualquer dos aspectos técnicos.

Consideram-se poucos os analistas da área de segurança que defendem o *profiling* étnico publicamente, considerando que a grande maioria dos crimes são, atualmente, praticados por negros. O *profiling* étnico, do ponto de vista do direito, também não resiste a mais superficial análise. (FONSECA, 2013)

Busca analisar, então, qual tipo de *profiling*, em conjunto com outros procedimentos, aumenta a segurança com uma eficiência proporcional aos seus custos. Destaca-se que o uso do *profiling* comportamental não teria um custo de implantação alto, visto que não se ampara em grandes investimentos tecnológicos. (MACHADO; FRANCK, 2019)

Pires (2018) alerta que considerando todos os problemas do Brasil em termos de infraestrutura no serviço público, incluindo a área da segurança, é muito plausível avaliar a viabilidade da aplicação excepcional do *profiling* comportamental, como forma de se adicionar um nível adicional de segurança.

Operacionalmente, aplicando o *profiling* aos grandes eventos, boa parte dos órgãos públicos deslocam grande parte de seu efetivo para cobrir esse tipo de eventos. Dessa forma, o *profiling* comportamental seria viável, haja vista não implicar o treinamento de um número muito grande de pessoas e nenhuma aquisição de equipamentos. (MENDES, 2014)

Restaria analisar, portanto, a compatibilidade do *profiling* comportamental com o sistema constitucional brasileiro, visto que o *profiling* étnico não passaria, como já mencionado, pela mais superficial análise de constitucionalidade. (FONSECA, 2013)

Esse tipo de análise, essencial para qualquer decisão relacionada com segurança, é a chamada noção de troca que significa os que inevitavelmente acompanham um sistema de segurança pública.

Historicamente, quase sempre que uma medida ou novo procedimento de segurança é implantado, uma negociação, consciente ou não, acontece. Ao ganhar em segurança, normalmente, perde-se ou concede-se parte de algo que alguns autores consideram ser inegociável: os direitos e liberdades individuais. (GAIA, 2003)

Entende-se que na análise da implantação tem-se de um lado o direito coletivo ou difuso e o direito à segurança e, do outro lado, os direitos individuais como o direito à privacidade, o direito de ir e vir sem ser molestado, entre outros.

Embora a corrente majoritária de juristas brasileiros ainda se apoie no clássico princípio da supremacia do interesse público, advinda do direito administrativo, para sustentar uma prevalência dos direitos coletivos sobre os individuais, não são poucas as vozes que se levantam contra uma definição apriorística sobre qual direito merecem prevalecer.

A constitucionalidade da utilização do *profiling* na segurança pública, com base na proporcionalidade, perpassaria pela análise da técnica sob a ótica dos três subprincípios que compõem o princípio.

Ou seja, para ser considerada constitucional, a aplicação desse tipo de *profiling* necessitaria passar pelos questionamentos que traduzem cada um dos subprincípios: necessidade, adequação e proporcionalidade em sentido estrito.

Em relação ao primeiro, o uso do *profiling* como meio de se acrescentar um nível segurança é bem menos constrangedor e ofensivo aos direitos individuais da população, de modo geral.

Isso porque, desde que bem controlado e supervisionado, evita-se o uso de critérios indevidos na abordagem de prováveis suspeitos, além de submeter a constrangimentos somente cidadãos que de alguma forma revelem um comportamento pouco usual.

A análise do segundo princípio implica avaliar a adequação do procedimento. Será adequado o meio apto a atingir o objetivo pretendido, o qual, no caso, significa obter um ganho em termos de segurança através da utilização dos conceitos do *profiling*.

O último aspecto é possivelmente o de análise mais complexa: a proporcionalidade, em seu sentido estrito. Aqui, faz-se um sopesamento entre os direitos fundamentais em conflito, considerando o caso concreto, e não uma suposta hierarquia do direito coletivo em relação ao individual.

O direito coletivo à segurança se confunde, no caso em questão, com o próprio dever do Estado de proteger seus cidadãos, ou quem quer que esteja em seu território, de uma agressão injusta.

O uso do *profiling* na segurança pública, desde que seja bem supervisionado e desvincilhado de qualquer preconceito étnico ou racial, resulta em aceitáveis restrições a direitos individuais.

Portanto, o *profiling*, ainda que tenha bases científicas controvertidas e resultados de difícil verificação, apresenta um custo de implantação relativamente baixo, uma vez que se resumiria a treinamento dos servidores já atuantes, para qualificá-los e possibilitar que apliquem a técnica.

Para o processo de formação de capacitação desses profissionais no *Criminal Profiling*, deverão ser ministrados conhecimentos acerca do Direito Penal e da Legislação Especial Penal, para que o profissional fique habilitado a produzir um trabalho orientado por normas legais, buscando elementos de convicção que auxiliem na identificação da autoria, materialidade e circunstâncias do cometimento da infração penal, possibilitando ao Ministério Público oferecer a denúncia. (JÚNIOR, 2012)

Dessa forma, Lago (2009) já apresentava a necessidade de o psicólogo jurídico e criminal possua conhecimento de conceitos de Direito Administrativo, Constitucional, Processual Penal e Penal, para que seja possível compreender funcionamento das fases pré e pós-processuais.

Importante destacar que os órgãos da Segurança Pública lidam com os mais diversos perfis criminais, mas sempre existem aqueles padrões que se destacam entre os analisados, como é o caso dos assassinos em séries.

Esses assassinos, também conhecidos como seriais killers, são aqueles criminosos que possuem algum tipo de desvio do psiquismo, sendo o seu comportamento criminoso uma junção de diversos aspectos que esse indivíduo sofreu durante sua vida, desde sua criação. (GUIMARÃES, 2019)

Piovesan (2018) explica que o meio social possui a capacidade de influenciar o padrão de comportamento futuro, principalmente na infância. Os primeiros anos de vida servem para que a criança associe fatos do meio em que vive, com o objetivo de formar sua identidade.

Desse modo, realizando a análise do aspecto psíquico, infere-se que a grande parte dos assassinos em série que atuam de maneira violenta sofreu algum tipo de abuso quando criança, idade que o psicológico está em desenvolvimento e pode ser o estopim para algum ato violento na vida adulta. (SCHAEFER, 2012)

Logo, esses crimes de origem em série envolvem características particulares em relação à realização do *profiling* para identificar o autor do crime, uma vez que esses assassinos não demonstram a motivação de seus crimes através de pistas deixadas na cena do crime de forma proposital. (LEITE, 2019)

Outro aspecto é o fato dessas pessoas não serem facilmente identificadas como suspeitas, pois estes buscam não chamar a atenção para si e busca acobertar seus atos durante sua vivência social.

Por conta disso, a elaboração do perfil é um elemento precioso à persecução criminal, visto que a investigação se baseia em todos os elementos probatórios colhidos na cena do crime e juntado ao inquérito policial. (SILVA, 2006)

Para a realização do *Criminal Profiling* pelos agentes da Segurança Pública, esses devem analisar três aspectos principais: vitimologia, *Modus Operandi* e assinatura. A figura 7 apresenta a sequência lógica a ser seguida pelo Criminal Profiler para estabelecer o perfil do criminoso:

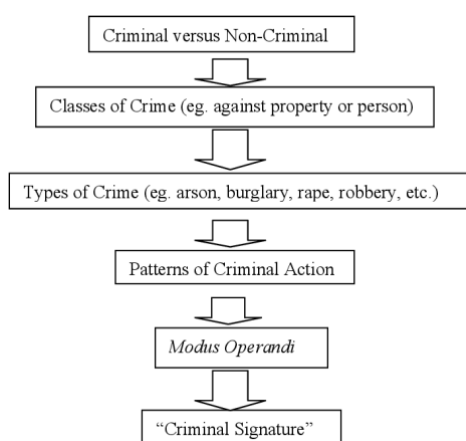


Figura 7 – Passos para estabelecer o perfil do criminoso.⁹

⁹ Passo 1: Estabelecimento do que é criminal e do que não é. Passo 2: Classificação do crime (exemplo: contra propriedade ou contra a vida). Passo 3: Tipos de crime (exemplo: incêndio criminoso, roubo,

Destaca-se que os assassinos em série são os criminosos que mais tendem a ser avaliados pelo *Criminal Profiling* pois, quando matam, estão preenchendo lacunas psicológicas complexas e acabam deixando muitas pistas de investigação para os *profilers*, que parte dos conceitos da criminologia para a sua atuação em campo. (GUIMARÃES, 2019)

Já o *modus operandi*, conforme nos explica Pimentel (2019), é a relação dos eventos que o criminoso seguiu desde o início da execução do ato criminoso até a localização do cadáver, no caso dos seriais killers.

O último aspecto a ser analisado é a assinatura do crime, que é sempre única. Essa assinatura demonstra a necessidade desses assassinos em série expressarem suas fantasias reprimidas, sendo sempre realizadas na execução de seus delitos. (GUIMARÃES, 2019)

Entretanto, apesar de deixarem a sua assinatura, Santoro (2018) destaca que esses seriais killers tomam o cuidado de tentar não deixar outras evidências no local do crime, já que usualmente deixam a vítima controlada no local dos fatos para que possam realizar suas fantasias e conseguem se policiar nesse sentido.

Com base nesses preceitos e nas informações colhidas na cena do crime, o Criminal Profiler da Segurança Pública deve reconstituir a sequência de eventos relacionados ao assassinato, considerando o perfil vitimológico, *modus operandi* e assinatura, bem como o possível estado psíquico do autor. (HEMERLY, 2016)

Após essas etapas, o agente da Segurança Pública habilitado para aplicar o *Criminal Profiling* definirá o perfil do indivíduo, que poderão ter registradas informações como possível idade mental, predisposições a certos tipos de doenças, entre outros fatores. (LEITE, 2019)

Portanto, o *criminal profiler* pode ser um cargo a ser incorporado junto à Segurança Pública caso a profissão seja devidamente regularizada, possibilitando que

esse profissional também possa atuar em outras áreas, conforme será apresentado abaixo.

5. PROFILER E OS RAMOS DE ATUAÇÃO

Bertoldo (2019) salienta que a área do *Criminal Profiling* ainda está em fase inicial no Brasil e no mundo. Ainda não existe uma profissão específica para aquele que vai atuar como *profiler*, que, em tradução livre, é o perfilador, ou seja, quem elabora perfis.

Com base na informação apresentada acima, é natural dizer que o campo ainda possui um aproveitamento reduzido e, por diversas oportunidades, muitos não entendem com exatidão qual é a função desse profissional e onde ele pode realizar suas atividades laborais.

Inicialmente cumpre destacar que o trabalho mais popular de um *profiler* é o de assessoria ou consultoria, podendo contribuir em investigações por meio de um perfil criminal, principalmente nos casos de crimes violentos com poucos vestígios, para se tentar traçar um perfil e avançar nas investigações. (BERTOLDO, 2019)

Destaca-se aqui que, caso o Profiler tenha a intenção de realmente atuar no âmbito investigativo, a melhor opção seria concurso para cargos como de Perito Criminal, Investigador ou até mesmo Delegado de polícia. O processo deve seguir a seguinte sequência:

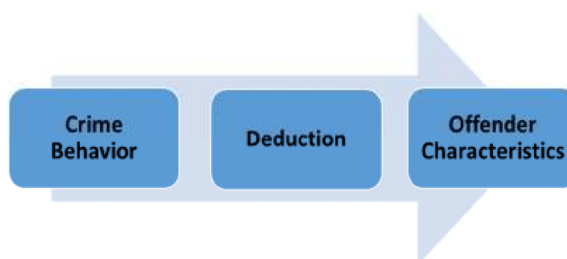


Figura 8 – O processo do *criminal profiling*.¹⁰

¹⁰ Comportamento Criminoso – Dedução – Característica do ofensor.

Adicionalmente, Fontana (2014) define que a atuação do Criminal Profiler abrange campos como técnicas de entrevista e negociação em cenários de crise, sendo proveitosos para a resolução de investigações criminais.

Nos casos de assassinato, este é considerado uma ação comportamental que é ocasionada por poder e, às vezes, por sexualidade, qualificando-o como uma categoria do homicídio, o qual também inclui outras formas legais. (PASINATO, 2011)

Porém, apesar de existir essa diferenciação entre assassinato e homicídio, as técnicas de *Criminal Profiling* podem ser aplicadas aos dois casos, contribuindo para o conhecimento dos fenômenos através da elaboração dos perfis criminais e pela propagação do conhecimento. (BERTOLDO, 2019)

É importante frisar que não existe uma lista de características que descreva todos os criminosos, no entanto diversas pesquisas revelaram alguns padrões recorrentes.

Pessoas que crescem sendo bastante tímidas, solitárias, pouco sociáveis e com sentimento de rejeição tendem a ser pessoas que enxergam o mundo com animosidade, sendo incapazes de interagir adequadamente com outras pessoas. (BAZZO, 2018)

Assim, essas pessoas ficam presas em pensamentos ruins, ocasionando em um afastamento e ficando aversas à interação com outros indivíduos, o que acaba por despertar o seu lado agressivo.

Guimarães (2019) explica ainda que esse tipo de pessoa fantasia os seus crimes, planejando a execução em todos os aspectos, com a possível exceção de uma vítima específica.

O *criminal profiler* precisa ter mente que esse tipo de criminoso acredita ter uma missão a executar e decide que um certo grupo ou tipo de pessoa é inaceitável e sem valor, devendo ser eliminadas da sociedade. (MENDES, 2014)

Pena (2007) destaca que as características da cena do crime podem ajudar a identificar este tipo de pessoa. Nos casos de assassinos que agiram por força da

emoção, características como a violação, a estrangulação e o desaparecimento do corpo são aspectos que indicam esse perfil criminal.

Portanto, quando busca analisar o caso para fins da criação de um perfil, a vitimologia é extremamente importante, sendo que a ausência de informações pertinentes sobre a vítima pode impedir uma análise precisa do crime.

Essas informações acerca das características conhecidas dos criminosos são essenciais para a avaliação efetiva e tratamento deste tipo de ato delituoso. A conclusão mais óbvia é que nem todos os criminosos são iguais, não realizando o mesmo ato da mesma maneira ou pela mesma razão. Em alguns casos, ações semelhantes ocorrem por razões distintas e vice-versa. (PERES, 2002)

Assim, o campo de atuação do Profiler tem sido predominantemente focado em crimes de homicídio, no entanto, apesar de pouca pesquisa, pode ser aplicável também à investigação de crimes de incêndio, pois este pode ter sido motivado por vingança ou conflito interpessoal ou profissional com o agressor, sendo necessário seu perfilamento criminal.

Mendes (2014) destaca que o incêndio é um crime de difícil investigação devido à sua natureza destrutiva, exigindo uma capacitação e conhecimento técnico para aqueles que investigam o ato e a identidade do ator.

Se o fogo for considerado incendiário, ou um caso deliberado de incêndio criminoso, o *profiler* deve estar envolvido desde início e as evidências devem ser recolhidas para provar quem pode ser o eventual autor. (ROMANO, 2014)

Para conduzir com sucesso uma perfilação criminal em caso de incêndio, o profissional deve seguir uma metodologia para garantir que todas as linhas da investigação foram devidamente cobertas. (MENDES, 2014)

Soares (2014) ressalta que a metodologia básica da investigação de autoria de incêndio deve contar com o uso de uma abordagem e uma atenção sistemática a todos os detalhes relevantes.

Assim, o papel de um Profiler numa cena de incêndio é determinar a origem do fogo e examinar o local para tentar determinar o motivo pelo qual o criminoso possa ter iniciado o incêndio, tentando estabelecer o seu perfil criminal.

O *profiling* aplicado aos casos de crimes de incêndios tem sido o foco de pouca pesquisa, porque, na verdade, a técnica de criação de perfis tem sido muito mais útil na investigação de crimes reincidentes, uma vez que crimes não reincidentes, como é o caso do incêndio, geralmente tendem a ser resolvidos através de procedimentos investigativos regulares.

Medeiros (2018) afirma que também existe também a possibilidade de atuar no ramo do entretenimento, especificando a capacidade desses profissionais colaborarem autores e roteiristas, tanto quanto à criação de um tema para a história quanto para a criação de personagens, quando se pretende inserir um perfil específico de criminosos violentos.

Outro ramo de atuação do *profiler* é o trabalho de assistente técnico-judicial, cargo em que pode realizar a elaboração de pareceres para auxiliar na acusação ou para a defesa, tanto na área cível quanto na área criminal. (COURA, 2016)

Medeiros (2018) explica que mesmo a atuação do *profiler* na esfera judicial ser *“um tema controverso e muito pouco aproveitado como meio de prova ou de refutação de prova, não deixa de ser um meio de trabalho viável”*.

Já a atuação no meio acadêmico, o *profiler* pode lecionar aulas em instituições de ensino, empresas e ambientes investigativos, como as Academias de Polícia, e pode efetuar pesquisas acadêmicas para desenvolvimento de artigos científicos. (SOARES, 2014)

Há também a possibilidade de trabalhar no setor privado por meio de investigação particular, como uma espécie de detetive, bem como em seguradoras e empresas de segurança analisando perfis e procurando evitar a ocorrência de crimes, como o de fraude. (MENEZES, 2019)

Em relação à área tecnológica, Marques (2019) destaca que o *profiler* pode auxiliar no desenvolvimento de softwares que facilitem o trabalho de outros *profilers*,

como a elaboração de um software que permita analisar e gerar um perfil ou um retrato falado.

O *profiling* aplicado à área da informática é uma forma de analisar informações e de se utilizar de dados pessoais para avaliar aspectos da personalidade e prever o comportamento humano.

Recursos de mineração de dados, potencializados pelo Big Data tornam essa prática mais acessível, confiável e economicamente lucrativa para as empresas de tecnologia, incentivando a uso do perfilamento para essa finalidade.

Assim, como a maioria das tecnologias, observam-se ganhos importantes com seu uso, principalmente em termos de eficiência e eficácia de análises preditivas através de inteligência virtual.

Uma das principais aplicações do *profiling* no setor privado é o seu uso para fins de publicidade direcionada. Coletar e agregar informações sobre consumidores, utilizando dados pessoais para enquadrá-los em determinados perfis, são os procedimentos que precedem a decisão de lhes direcionar determinado anúncio.

Com a elaboração de perfis comportamentais, é possível o direcionamento de uma mensagem publicitária feita sob medida, que possui maior probabilidade de despertar o interesse do consumidor.

Como o direcionamento é feito após a agregação de informações que refletem gostos e interesses do consumidor, denomina-se de publicidade comportamental a espécie de publicidade direcionada mais comum nos dias de hoje.

A publicidade de massas, voltada para venda de produtos ao grande público, remonta ao desenrolar da primeira revolução industrial. Até então, a publicidade possuía cunho informativo, de forma a expor as características essenciais de um produto.

Com o crescimento dos meios de comunicação e mídia, a publicidade se torna o principal meio das grandes empresas expandirem seu mercado, sendo possível se atingir um número crescente de consumidores graças à difusão da imprensa, do rádio e, mais tarde, da televisão.

Outra das principais utilidades do *profiling* está na avaliação de riscos, a partir da construção de previsões sobre comportamento futuro de indivíduos. Uma aplicação bastante comum no setor privado está na criação de perfis para formação do *credit scoring*.

Esse é um procedimento que, a partir da consideração de dados de um indivíduo e análises estatísticas, atribui a ele um certo valor que reflete sua probabilidade de adimplemento ou inadimplemento de uma dívida a ser contraída.

O cálculo feito parte da consideração de certas características pessoais as quais se atribui um indicativo de solvibilidade (*input*) e assim se chega em um resultado dentro de uma escala de credibilidade (*output*).

Os critérios indicativos de solvibilidade utilizados e sua importância relativa são compiladas em um modelo estatístico denominado “*scorecard*”. A pontuação de crédito individual é calculada pelo cruzamento do *scorecard* com informações específicas do possível mutuário.

Com o advento do *Big Data* e de técnicas de *data mining*, esse processo passa a levar em conta dados que, a priori, não possuem relação com capacidade econômica de adimplemento de uma pessoa, com objetivo de aprimorar a efetividade da previsão feita. Além disso, é possível que se façam inferências invasivas a respeito dos hábitos daqueles que buscam crédito no mercado.

Assim, destaca-se a precisão e o mérito da aplicação do *profiling* em diversas situações. Apesar do *profiling* já não ser visto como uma técnica misteriosa, ainda não pode ser considerado uma ciência inquestionável.

Diversas metodologias têm sido aplicadas para a utilização do *profiling*, mas esses métodos, por muitas vezes, ficam distantes da identificação do infrator por vários fatores, prejudicando o andamento da investigação.

Esse prejuízo pode ocorrer devido à falta de dados suficientes para interpretação ou ainda devido à incapacidade interpretativa do *profiler*, que pode causar o atraso na prisão de um criminoso fornecendo pistas falsas, por exemplo. (HALF, 2018)

Além disso, outros problemas, como o apontamento de falsos suspeitos, também podem atrasar a prisão de um criminoso, excluir suspeitos viáveis ou culpar um cidadão que seja inocente com base apenas nas características do perfil.

Desse modo, é necessário que para a atuação dos *profilers* é necessária muita experiência em investigações e pesquisas criminais e estes tenham um bom senso, intuição e capacidade de isolar os seus sentimentos sobre o crime, o criminoso e a vítima, analisando o comportamento exibido num crime e o modo de pensar do criminoso responsável.

Um princípio do consenso é que o *profiling* envolve inferir características do infrator através das duas ações na cena do crime; o problema desta definição reside no que constitui uma ação ou uma característica e qual o melhor processo para associar uma com a outra.

O *profiling* é normalmente apresentado como sendo útil para a investigação de crimes de natureza predatória aberrante e onde não existe um suspeito identificado. No entanto, há circunstâncias em que o seu uso é limitado ou simplesmente irrelevante: por exemplo, quando um criminoso acumula os cadáveres das vítimas, oferecendo pouca ou nenhuma evidência dos homicídios até a descoberta dos corpos e apreensão do autor.

Conclui-se então com o que foi exposto até então que o campo de atuação do *profiler* é bem amplo. Apenas no ramo investigativo, este pode colaborar com seu trabalho com diversas possibilidades.

CONCLUSÃO

Com a realização dessa monografia, é possível afirmar que o comportamento humano é variável conforme as regras sociais e os padrões de comportamento adquiridos por um sujeito, em sua interação com o meio, por conta da complexidade da natureza humana.

Dessa forma, percebe-se que, para cada indivíduo, uma ação totalmente diferente pode ser tomada em situações similares, de acordo com o perfil de cada

uma dessas pessoas, ampliando as opções que podem ocorrer com base em determinada ação.

No caso de ações executadas durante a prática de algum crime, o *criminal profiling* é definido, assim, como uma técnica forense, em que as características mais prováveis de um agressor criminoso ou agressores criminosos são previstas com base nos comportamentos demonstrados no cometimento de um crime.

Essa delimitação de características que é obtida através da análise sistemática de um crime individual ou de uma série de crimes relacionados pode contribuir de maneira positiva para o avanço das investigações, gerando um padrão que pode ser seguido para tentar resolver o caso.

Por consistir em uma técnica destinada a auxiliar a análise da elaboração dos perfis vitimológicos, é possível a aplicação de diversas tipologias criminais, estratégias de prevenção do crime, estratégias de reabilitação, investigativas e criminológicas, sempre seguindo a que for mais adequada para cada situação.

Nesse sentido, o *profiling* mostra-se imprescindível na identificação do ofensor com entrevistas e interrogatórios que cheguem informar e apoiar o sistema jurídico, sendo extremamente valioso para a Segurança Pública em seu objetivo de punir pessoas que tenham cometido algum tipo de crime.

Entretanto, levando esses fatores em consideração, cabe destacar também que nem a tecnologia forense usada na análise da cena do crime, nem o *Criminal Profiling*, mesmo que considerados de maneira isolada, são infalíveis no que diz respeito à detecção do crime.

Ressalta-se aqui, portanto, que os melhores pontos de ambos os métodos devem ser incorporados ao processo de investigação criminal da área de Segurança Pública para que ele seja eficaz.

Assim, diante das informações levantadas durante a pesquisa, pode-se concluir que dentro do âmbito judiciário, os profissionais, devem atuar multidisciplinarmente com a utilização de técnicas e fundamentos estudados por profissionais da Psicologia Jurídica.

Tendo em vista que técnicas estão sendo cada vez mais elaboradas, com o intuito de promover a melhor compreensão da situação estudada de forma mais precisa, devendo ser considerada junto de inúmeras informações.

Além disso, a profissão de *Criminal Profiler* precisa ser legalizada o quanto antes para que esses profissionais possam contribuir de maneira mais assertiva dentro dos ramos de atuação apresentados nesse trabalho.

Mostrou-se evidente que a perfilação do crime tem o potencial de servir como uma ferramenta útil na Segurança Pública para propiciar que a aplicação da lei seja devidamente cumprida, desde que adotadas todas as medidas necessárias para que a técnica seja efetiva.

Além da capacidade de identificar suspeitos, vinculá-los à cena do crime e garantir uma condenação, o *Criminal Profiling* complementa as informações coletadas durante a análise da cena do crime.

Quando considerados em conjunto com a tecnologia forense, os dois formam uma combinação formidável e tornam o processo de investigação mais simplificado. No entanto, é preciso lembrar as deficiências dessa abordagem e proceder com cautela.

Conforme demonstrado nesse trabalho, o ramo de atuação desse profissional também pode ser bastante diversificado, aplicando as técnicas de perfilamento em vários ramos de atuação.

Portanto, o *profiling* apresenta-se como um recurso valioso para diversas áreas de trabalho e de estudo e deve ser estudado com mais afinco. Para trabalhos futuros, sugere-se o estudo dessa ferramenta na identificação de autores de crimes digitais, que estão cada vez mais recorrentes com o avanço da tecnologia.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Thais; PORTUGAL, Daniela. **Criminologia**. 2017. Disponível em https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/174993/4/eBook_Criminologia-Tecnologia_em_Seguranca_Publica_UFBA.pdf. Acesso em 17 jun. 2021.
- BAZZO, Juliane. **‘Agora tudo é bullying’: uma mirada antropológica sobre a agência de uma categoria de acusação no cotidiano brasileiro**. 2018. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/174498/001064968.pdf?sequence=1>. Acesso em 25 jun. 2021.
- BERTOLDO, Juliana Marcela. **Psicologia criminal: perfil psicológico para auxiliar investigações criminais**. 2019. Disponível em <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5025/TCC%20Juliana%20Marcela%20Bertoldo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 12 jun. 2021.
- CANTER, D., Youngs, D. **Investigative Psychology: Offender Profiling and the Analysis of Criminal Action**. 2009. Chichester, UK: John Wiley & Sons Ltd.
- COURA, Bernardo César. **O papel do perito e do assistente técnico: Sobre a participação de peritos e assistentes técnicos**. 2016. Disponível em <https://bernardocesarcoura.jusbrasil.com.br/noticias/314881700/o-papel-do-perito-e-do-assistente-tecnico>. Acesso em 13 jun. 2021.
- COUTO, S.P. **Os segredos das investigações criminais**. 2009. São Paulo: Universo dos livros.
- DOUGLAS, John; OLSHAKER, Mark. **Mindhunter: O Primeiro Caçador De Serial Killers**. 2017. Americano - 1ª Ed.
- FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION (FBI). **FBI Records: The Vault**. 2021. Disponível em <https://vault.fbi.gov/Criminal%20Profiling>. Acesso em 14 jun. 2021.
- FONSECA, Guilherme Damasceno. **O profiling nos aeroportos como ferramenta de prevenção ao terrorismo**. 2013. Disponível em <https://periodicos.pf.gov.br/index.php/RBCP/article/download/127/142>. Acesso em 17 jun. 2021.
- FONTANA, Marcia Paulino Lepek Bez. **O processo de negociação nas organizações num contexto atual**. 2014. Disponível em <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/2504/1/M%C3%A1rcia%20Paulino%20Lepek%20Bez%20Fontana.pdf>. Acesso em 13 jun. 2021.
- GAIA, José Américo de Souza. **Gerenciamento de crises na Polícia Militar do Acre**. 2003. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/51173/Jose%20Americo%20de%20Souza%20Gaia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 22 jun. 2021.
- GAUDÊNCIO, Carmen Amorim. **Anais do I Congresso Internacional de Psicologia de Jurídica**. 2015. Disponível em <http://www.abpj.org.br/downloads/cedc55dd5dfd722eee2eee5e18f81b1.pdf>. Acesso em 14 jun. 2021.

GUIMARÃES, Rafael Pereira Gabardo. **O perfil psicológico dos assassinos em série e a investigação criminal**. 2019. Disponível em <http://www.revistas.pr.gov.br/index.php/espc/edicao-2-artigo-5>. Acesso em 12 jun. 2021.

GUIMARÃES, Rafaelle Jhonathas de Sousa. **A criminologia e sua importância na atividade policial**. 2017. Disponível em <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/a-criminologia-e-sua-importancia-na-atividade-policial/>. Acesso em 14 jun. 2021.

HALF, Robert. **Perfis comportamentais: conheça os tipos e saiba como ajudar seus colaboradores**. 2018. Disponível em <https://www.roberthalf.com.br/blog/gestao-de-talentos/perfis-comportamentais-conheca-os-tipos-e-saiba-como-ajudar-seus-rc>. Acesso em 25 jun. 2021.

HEMERLY, Marcus Vinícius Silva. **O perfil criminal e a investigação de homicídio serial**. 2016. Disponível em <http://www.conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/46343/o-perfil-criminal-e-a-investigacao-de-homicidio-serial>. Acesso em 25 jun. 2021.

JÚNIOR, Cristóvão de Melo Góes. **A importância da psicologia criminal na investigação policial**. 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792012000100005. Acesso em 13 jun. 2021.

KOCSIS, R. N. **Criminal profiling: Principles and practice**. 2006. Totowa, NJ: Humana Press

LAGO, Vivian de Medeiros. **Um breve histórico da psicologia jurídica no Brasil e seus campos de atuação**. 2009. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/NrH5sNNp4mdxy6sS9yCMM/?lang=pt>. Acesso em 13 jun. 2021.

LEITE, Ellen. **O criminal profiling na investigação criminal de assassinos em série**. 2019. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/76688/o-criminal-profiling-na-investigacao-criminal-de-assassinos-em-serie>. Acesso em 04 jun. 2021.

MACHADO, Natália Santos; FRANCK, Wilson. **Criminal Profiling**. 2019. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/71897/criminal-profiling>. Acesso em 13 jun. 2021.

MADER, Bruno Jardini. **Avaliação Psicológica Dimensões, campos de atuação e pesquisa**. 2016. Disponível em https://crppr.org.br/wp-content/uploads/2019/05/AF_CRP_Caderno_AvaliacaoPsicologica_pdf.pdf. Acesso em 12 jun. 2021.

MAIA, Flávia Andrade Seixas. **Mapeamento molecular e criminal de crimes sexuais em série no Distrito Federal entre os anos de 1999 e 2009**. 2010. Disponível em <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/18/1/Flavia-Maia-Final.pdf>. Acesso em 14 jun. 2021.

MARQUES, José Guilherme Pereira da Silva. **As modernas técnicas de investigação criminal**. 2019. Disponível em <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/as-modernas-tecnicas-de-investigacao-policial/>. Acesso em 13 jun. 2021.

MEDEIROS, Verônyca. **O mercado de trabalho do Profiler**. 2018. Disponível em <https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/554203751/o-mercado-de-trabalho-do-profiler>. Acesso em 13 jun. 2021.

MENDES, Bárbara Sofia Almeida. **Profiling criminal: técnica auxiliar de investigação criminal**. 2014. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/143403239.pdf>. Acesso em 04 jun. 2021.

MENEZES, Daniel Francisco Nagao. **A validade da investigação privada no Brasil**. 2019. Disponível em <https://www.revistasuninter.com/iusgentium/index.php/iusgentium/article/view/459/334>. Acesso em 13 jun. 2021.

PASINATO, Wânia. **"Femicídios" e as mortes de mulheres no Brasil**. 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/k9RYCQZhFVgJLhr6sywV7JR/?lang=pt>. Acesso em 25 jun. 2021.

PENA, Elis Helena. **Perfil do homicida passional**. 2007. Disponível em <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/perfil-do-homicida-passional/>. Acesso em 25 jun. 2021.

PERES, Maria Fernanda Tourinho. **A doença mental no direito penal brasileiro: inimputabilidade, irresponsabilidade, periculosidade e medida de segurança**. 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Kd7b5QmLDPGkZwJMQ4wPCpP/?lang=pt>. Acesso em 25 jun. 2021.

PIMENTEL, Karina. **A figura do serial killer psicopata no direito penal brasileiro**. 2019. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/73949/a-figura-do-serial-killer-psicopata-no-direito-penal-brasileiro/2>. Acesso em 25 jun. 2021.

PIRES, Roberto. **Burocracia e políticas públicas no Brasil: interseções analíticas**. 2018. Disponível em http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8487/1/Burocracia%20e%20pol%C3%ADticas%20p%C3%BAblicas%20no%20Brasil_interse%C3%A7%C3%B5es%20anal%C3%ADticas.pdf. Acesso em 19 jun. 2021.

PIOVESAN, Josieli. **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem**. 2018. Disponível em https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/07/MD_Psicologia-do-Desenvolvimento-e-da-Aprendizagem.pdf. Acesso em 25 jun. 2021.

RODRIGUES, Marina Joana Ribeiro. **Validade de uma técnica Forense**. 2010. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/45614/2/Dissertao%20de%20Mestrado%20em%20Medicina%20Legal%20%20PERFIS%20CRIMINAIS.pdf>. Acesso em 12 jun. 2021.

ROMANO, Rogério Tadeu. **O crime de incêndio**. 2014. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/32323/o-crime-de-incendio>. Acesso em 25 jun. 2021.

SANTORO, Clarice. **Modus Operandi x Assinatura**. 2018. Disponível em <https://canalcienciascriminais.com.br/modus-operandi-assinatura/>. Acesso em 25 jun. 2021.

SCHAEFER, Luiziana Souto. **Perícia psicológica no abuso sexual de crianças e adolescentes**. 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ptp/a/xmYGHdXX5RnwJyc6Zcw6Ypf/?lang=pt>. Acesso em 25 jun. 2021.

SILVA, Eliane Cardoso da; SILVA, Rubens Alves da. **Preservação do Local do Crime e Sua Importância Para Perícia Criminal**. 2019. Disponível em <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-processual-penal/preservacao-do-local-do-crime-e-sua-importancia-para-pericia-criminal/>. Acesso em 13 jun. 2021.

SILVA, Márcio César Fontes. **A investigação criminal, a Polícia Judiciária e o Ministério Público**. 2006. Disponível em <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/7155/1/Dissertacao%20Marcio%20Cesar%20Fontes%20Silva.pdf>. Acesso em 25 jun. 2021.

SOARES, Gustavo Torres. **Investigação criminal e inovações técnicas e tecnológicas: perspectivas e limites**. 2014. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2137/tde-30112015-165420/publico/Versao_integral_Gustavo_Torres_Soares.pdf. Acesso em 13 jun. 2021.

TEO, George; CHAN, Carolyn; LAING, Tan Wei; PHUA, Zheng Yen. **A glimpse into the abyss: forensic psychology and the criminal minds**. 2021. Disponível em <https://nuscriminaljustice.com/a-glimpse-into-the-abyss-forensic-psychology-and-the-criminal-minds/>. Acesso em 13 jun. 2021.

TURVEY, B.E. **Criminal profiling: an introduction to behavioral evidence analysis**. 2012. San Diego: Academic Press.